

## Hikikomori de restaurante

Por Leonardo Coelho

“Você não conhece praticamente nada sobre ele”



A frase inicial da contracapa desse *mangá* é perfeita em sua síntese. Mesmo após dezoito capítulos, percebe-se que é quase nada o que se sabe sobre o personagem principal, cujo nome sequer é citado.

Apesar de trabalhar com exportações e ter um cotidiano corrido, ele não é de maneira alguma um típico homem de negócios japonês, perdido em suas ambições desmedidas em um “país onde você passa os dias como escravo de alguma coisa.” (QUSUMI e TANIGUCHI, 2009, p. 52). Por entre as turbulentas e organizadas avenidas nipônicas, alagadas de tecnologia, é visível sua disparidade com os outros. Seu equilíbrio é medido em pratos, e sua felicidade, em comer. Ele é, antes de tudo, um *gourmet*.

Publicada pela Conrad, desenhada por Jiro Taniguchi e com roteiros de Masayuki Qusumi, a história é, a primeira vista, um magnífico compêndio sobre a diversidade da culinária japonesa, composta por muito mais que sushis e sashimis. Mais além, é uma pequena ode à serenidade, à reflexão forçada por certos momentos de silêncio que às vezes aparecem no nosso dia-a-dia, quando estamos completamente absortos em nós mesmos, desconectados de um mundo cada vez mais conectado, ativo e dinâmico.

Apesar de ser tal qual o “homem da multidão”, de Poe, em seu anonimato, o *gourmet* não aprecia o caos urbano no qual se insere. Não é de maneira alguma seduzido por isso. Não compreende, também, o porquê de se querer tanto coisas e mais coisas, e igualmente não entende as pessoas que as desejam. Ao se ver em frente a uma loja que vende apenas medidores, sua pergunta singela é: “Existe tanta coisa no mundo para ser medida?” (2009, p.173).

Desenhado de forma simples e narrado em pequenos contos que descrevem suas aventuras gastronômicas, *Gourmet* se diferencia dos *mangás* tradicionais devido ao seu realismo. Este é um trabalho maduro no que se refere a sua sinceridade; Sem qualquer traço de violência, morte ou sexo, embasa-se em algo difícil de se narrar, e no que poucos se interessam, que é a análise do ser humano.

Toda a narrativa é construída a partir do olhar exclusivo do personagem principal e sua relação com a gastronomia, não havendo coadjuvante e nem muito menos um passado extenso a ser recordado. Há apenas o tal *gourmet* anônimo e seus pensamentos, caracterizados nos quadros em forma de retângulos, chamados de recordatórios. Não dar nome, nem um passado claro ao personagem demonstram que os autores queriam dar uma aura de onipresença a ele. Ele não é um indivíduo específico, com CPF, identidade e conta bancária, mas sim uma figura que pode ser encontrada nos quatro cantos do planeta.

Apesar de se passar no Japão, não há referências temporais em *Gourmet*, e a própria narrativa dá uma sensação de universalidade à obra. Não por acaso, ela poderia se passar em qualquer localidade urbana do mundo, contendo basicamente os mesmos elementos-chave. O fato de ser japonês importa, mas não é essencial. Contudo, na própria presença do personagem principal há singularidades que muito dizem sobre o Japão. Não tanto pelo *gourmet* em si, mas pela realidade que o cerca.

Um interessante artigo de Jean-Pierre Lehmann, intitulado “The Sick Man of Asia”, afirma que uma das causas da crise sistêmica que sacode a sociedade e economia nipônica é uma conjunção de esclerose institucional, governo envelhecido e apatia social. Essa última, provocada pela crise financeira no final dos anos 80, minou a confiança que os japoneses tinha no *Japanese-way-of-life*, levando a década posterior a ser chamada de “A década perdida” .



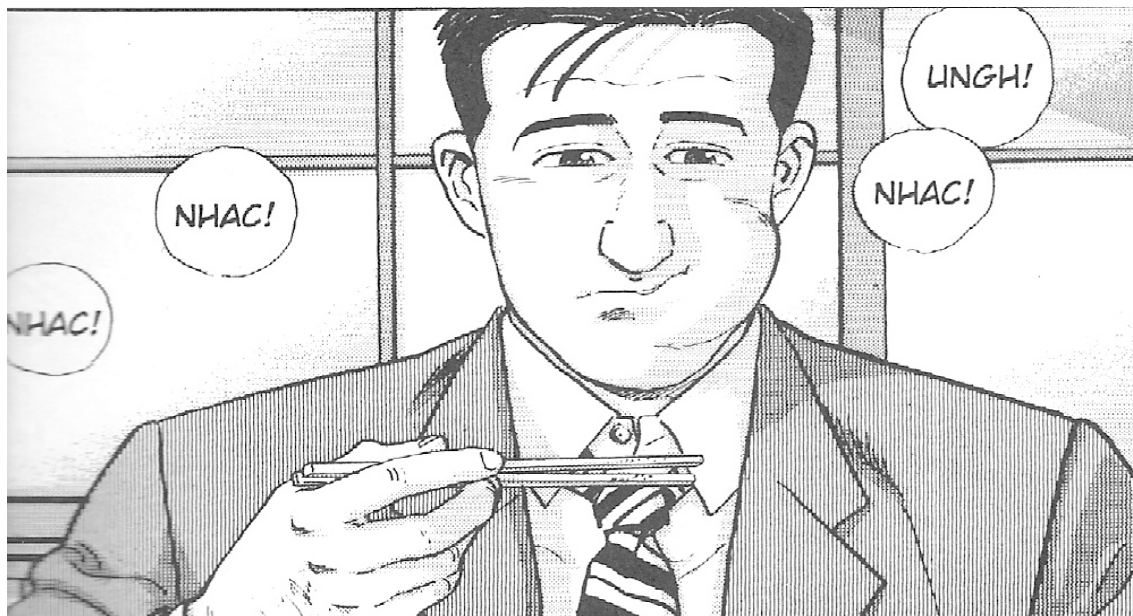
Na juventude, em especial a da classe média, o efeito dessa crise foi mais intensa por inúmeros motivos. Embora acostumados a uma realidade profissional e educacional sufocante, para dizer o mínimo, muitos jovens se viram perdidos nessa miríade inédita de crise econômica, competição selvagem e trabalho – e estudo – extenuantes. Como resultado, alguns indivíduos, essencialmente jovens do sexo masculino, começaram a se isolar da sociedade. A reportagem “Shutting themselves in”, da jornalista do New York Times Maggie Jones, expôs que, de acordo com dados do governo japonês, o número de jovens que abandonaram a escola dobrou desde o começo dos anos 90.

Sendo a educação a base de qualquer sociedade, inúmeros estudos foram feitos para analisar os efeitos da dinâmica escolar nipônica nos estudantes e, posteriormente, trabalhadores japoneses. O pesquisador Alex Kerr, em seu livro “*Dogs and Demons: Tales from the dark Side of Japan*”, faz a seguinte constatação sobre o sistema educacional nipônico.

Não há dúvidas de que a educação japonesa produz uma mão de obra dedicada, e que são esses esforçados trabalhadores que movem a roda mestre da imensa força industrial nipônica. A obediência à autoridade, ensinada desde os mais tenros anos, faz com que a sociedade japonesa flua sem a turbulência social e a violência que marcaram outros países. Tudo isso é o lado positivo da balança. O lado negativo é que, parecido com tantos outros problemas japoneses, esse tem a ver com idéias antes boas que acabaram por perder a validade. (KERR, 2001, p. 285)

Um interessante estudo de Ron Adams voltado ao estudo das razões do crescimento do número de pessoas que se isolam na sociedade japonesa expôs que, no sistema educacional nipônico, a meta é ensinar não a pensar, mas sim a memorizar. Isso, para o autor, acaba criando uma sociedade que se baseia não na conquista individual ou no pensamento crítico, mas no conformismo do indivíduo às regras. “Fora alguns lugares específicos – bares de karaokê, por exemplo – os japoneses demonstram pouco senso de autonomia” (SMITH, 1998, p. 79)

Um tipo específico desses seres que escolhem o isolamento social são os *hikikomori*. Traduzido livremente como “isolado em casa”, ele é um dos resultados dessa tal idéia que perdeu a validade. Eles resolvem, na maior parte das vezes inconscientemente, se ausentar do convívio humano – às vezes por anos- por sentirem que falharam com a sociedade, ou que esta falhou com eles. Dentro de seu mundo, no qual apenas ele existe, sua verdadeira individualidade, reprimida pela sociedade, pode então ressurgir. Lá a autonomia deles é plena, e não devem nada a ninguém.



O *Gourmet* do *manga* não é um *hikikomori* clássico. Ele trabalha duro, e seu isolamento se traduz basicamente na hora da refeição, sagrada para ele. “Quando comemos,

não queremos que ninguém nos atrapalhe. Comer deve ser um ato de liberdade, um momento de conforto. Um instante solitário, tranquilo e rico...” (2009, p. 127).

Suas atitudes em todo o *manga* são marcadas por uma extrema timidez, beirando quase ao antisocial, em especial no final do sétimo capítulo, quando se mostra incapaz de manter uma conversa informal com um grupo de pessoas que tentavam lhe ser simpáticas. Ainda sim, suas atitudes possuem uma razão; a frase no parágrafo anterior que o diga.

Um *hikikomori* clássico, contudo, vive em uma bolha narcisista – seu quarto - na verdade um superdimensionamento doentio da própria sociedade japonesa, que criou “exemplos extremos do ‘cidadão perfeito’. Aquele que vive, trabalha e pensa apenas sobre o trabalho que lhe é dado.” (ADAMS,2004 p. 6)

O gourmet do *manga* se dá ao luxo de poder escolher qual a melhor ocasião de ser ele mesmo, de se desligar do caos diário e focar em um plano mais íntimo, mesmo que por apenas alguns momentos e em um lugar específico. Ao contrário dos que resolvem se isolar completamente, ele libera a pressão antes de explodir. Nas palavras de um dos autores, no prefácio, explica-se. “É o momento em que ele compensa seu déficit físico e mental. Naquela hora ele consegue alcançar a tão sonhada liberdade”.

### **Referências Bibliográficas**

ADAMS, Ron. **Hikikomori/Otaku** – Japans Latest Outcast Groups: Creating Social outcasts to construct a national self-identity, 2004.

QUSUMI, Masayuki; TANIGUCHI, Jiro. **Gourmet** / Jiro Taniguchi e Masayuki Qusumi ; tradução por Drik Sada – São Paulo: Conrad editora do Brasil, 2009

JONES, Maggie. “Shutting Themselves In”. **Net**. Janeiro 2006. Disponível em:

<<http://www.nytimes.com/2006/01/15/magazine/15japanese.html>>Acesso em 18 de set. de 2010

LEHMANN, Jean-Pierre. “The Sick Man of Asia”. **Net**. Outubro 2002. Disponível em:

< <http://www.project-syndicate.org/commentary/lehmann4/English>>Acesso em 21 de set. de 2010

### **Bibliografia Consultada**

KERR, Alex. **Dogs and Demons**: Tales from the dark side of Japan. Nova York: Hill and Wang, 2001.

SMITH, Patrick L. **Japan**: A reinterpretation. Nova York: Vintage Books. 1998.